



Universidade de Brasília
Instituto de Relações Internacionais
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
XX Curso de Especialização em Relações Internacionais

Os Avanços Tecnológicos e a Nova Globalização

Cíntia da Silva Arruda

**Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Especialista em Relações Internacionais**

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Lessa

Brasília

2019



Resumo

As discussões em torno do processo de globalização estão mais atuais do que nunca, visto que o discurso de algumas autoridades a favor de um maior protecionismo vem crescendo e ganhando adeptos pelo mundo, o que gera especulações em torno do futuro da globalização. Entretanto, a revolução tecnológica fez com que os processos econômicos entre os países se tornassem altamente dependentes, assim como conectou os indivíduos com o mundo. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo apresentar uma discussão teórica sobre o processo de globalização, a revolução tecnológica e a nova globalização, de forma a contribuir com as recentes discussões, e mostrar que o processo de globalização é um caminho sem volta, que pode estar sendo alterado pela tecnologia, e até poderá receber um novo nome, mas que em sua essência continua sendo o processo que conecta o mundo.

Abstract

Discussions around the globalization process are more current than ever, as the speech of some authorities in favor of greater protectionism has been growing and gaining adherents around the world, which generates speculation about the future of globalization. However, the technological revolution has made the economic processes between countries become highly dependent, as well as connected individuals with the world. The present paper, therefore, aims to present a theoretical discussion about the globalization process, the technological revolution and the new globalization, in order to contribute to the recent discussions, and to show that the process of globalization is a point of no return, which may be being altered by technology, and may even receive a new name, but that in essence remains the process that connects the world.

Palavras-Chave: Globalização, Revolução Tecnológica e Nova Globalização



Introdução

Na política internacional contemporânea, há diversas mudanças em curso que são consequências do processo que ficou conhecido desde os anos 80 como globalização e que segundo Canuto (2018)¹, foi o período em que o comércio global cresceu em proporção do PIB em boa parte do mundo e mais de um milhão de pessoas foram tiradas da linha da pobreza, por conta da globalização comercial.

A integração tanto econômica quanto cultural entre os países no período da globalização, ou seja, a partir de 1990, só foi possível com o desenvolvimento e a popularização de diversas tecnologias que adquiriram um papel fundamental tanto para a evolução da economia mundial quanto das sociedades.

As redes de comunicação, cada vez mais rápidas e eficientes, especialmente por causa da proliferação da internet, permitiram o acesso a qualquer parte do globo de forma instantânea, e contribuíram para: o desenvolvimento do comércio internacional; o crescimento do número de empresas multinacionais e/ou transnacionais, que podem ser controladas por meio de computadores de qualquer lugar no planeta; a circulação de capitais que atualmente pode ser realizada até por smartphones; e a comunicação em massa, na qual as pessoas podem se comunicar também instantaneamente e fornece notícias e informações em tempo real.

No entanto, no recente cenário mundial, há discursos que fazem haver especulações sobre o futuro da globalização, como por exemplo, discursos em favor de um maior protecionismo econômico nos países, assim como de um aumento das barreiras às imigrações.

Por esse motivo, especulações sobre o futuro da globalização surgiram, mas de cara a hipótese de desglobalização foi descartada e diversos autores, pesquisadores e colunistas dos mais importantes jornais do mundo, ligados à tecnologia, passaram a defender que há um novo processo nascendo, que pode ser uma nova globalização que tem a revolução tecnológica e transformação digital como seus alicerces, que produz profundas mudanças na maneira como a tecnologia é desenvolvida, gerenciada e

¹ Palestra proferida em encontro realizado pela Associação República do Amanhã para discutir a Nova Globalização, em 27 de setembro de 2019, no IBMEC, São Paulo.



consumida, refletindo diretamente na forma de relacionamento entre países, indivíduos e empresas.

Novas possibilidades de trabalho e negócios estão surgindo, por conta das tecnologias, com impactos para trabalhadores, clientes, fornecedores e parceiros de todas as organizações, sejam elas públicas ou privadas. A transformação digital expande oportunidades para participação na economia global, e altera a lógica até então aplicada aos negócios, como à das empresas tradicionais, que, por exemplo, buscam vantagem competitiva em mão-de-obra abundante e barata, e deverão perder espaço para as concorrentes que investirem em tecnologia e inovação.

Desse modo, a fim de apresentar as relevantes discussões que estão surgindo sobre o tema, o presente estudo propõe-se identificar os conceitos e apontar as novas discussões sobre a Globalização a partir dos avanços tecnológicos, em especial, ligados à conectividade e analisar o que alguns autores estão denominando de “nova globalização”.

Ou seja, nesse artigo, a divisão de águas entre os diferentes momentos do processo de globalização é a tecnologia, entretanto, não há aqui a intenção de detalhar esse tema, pois é algo muito amplo que merece um estudo mais robusto com uma atenção mais crítica e técnica.

Portanto, para alcançar o objetivo proposto, esse artigo está dividido em cinco seções: essa breve introdução; seção um que apresentará os conceitos de globalização, na perspectiva de diversos autores; seção dois que buscará apresentar o que vem a ser exatamente a revolução tecnológica que alterou os rumos da humanidade, e como sua evolução acentuou o processo de globalização; seção três que abordará diferentes pontos de vista de forma a consolidar os conceitos em torno do que hoje é chamado de “Nova Globalização; e a conclusão.

1. A Globalização

O fim da Guerra Fria foi fator fundamental para o desempenho da economia mundial na década de 90, pois foi a partir desse marco temporal que as economias passaram a ser mais internacionalizadas e o termo globalização ganhou maior destaque, e ocasionou, nos últimos vinte ou trinta anos, importantes transformações em escala mundial, que afetou de forma abrangente questões econômicas, políticas, jurídicas,



institucionais, sociais, culturais, ambientais, geográficas, demográficas, militar e geopolíticas.

Decorrer sobre o conceito de globalização, portanto, é algo muito amplo e torna o trabalho um pouco complexo, já que está se apresentando um processo que foi se desenvolvendo ao longo nas nações, conjuntamente, com os processos econômicos e comerciais. Por esse motivo, e para melhor elucidar todo o processo que foi o pano de fundo do surgimento do conceito em questão, essa seção será dividida em duas partes que buscarão apresentar uma breve revisão bibliográfica sobre os fatos históricos que colaboraram para o surgimento da globalização e sobre as discussões em torno da definição do conceito em si.

1.1 A processo de globalização ao longo da história de desenvolvimento das nações

Segundo Weinsten (2005, p. 2), diversos autores influentes como David Dollar, Joseph E. Stiglitz, Jeffrey D. Sachs e Dani Rodrik apresentam diferentes teorias sobre a globalização, no entanto, concordam em um ponto básico, de que a globalização não é algo novo, já que o comércio, os fluxos de capital e a imigração floresceram nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, entretanto entraram em colapso entre as guerras mundiais e recuperaram-se lentamente apenas após 1945.

O que corrobora com a visão de alguns historiadores modernos, apresentada no estudo da CEPAL de 2002, e que reconhecem momentos distintos no processo de globalização durante os últimos 130 anos, sendo eles:

- 1º momento (1870 até 1913) - elevada mobilidade de capitais e de mão-de-obra, auge comercial e grande redução dos custos de transporte;
- 2º momento (Após 1945) – dividido em duas partes:
 - a) entre 1945 e 1973 - desenvolvimento de instituições de cooperação internacional, grande expansão do comércio de manufaturas entre países desenvolvidos, e uma baixa mobilidade de capitais e de mão-de-obra.
 - b) início da década de 1970 - colapso de Bretton Woods, primeiro choque do petróleo, crescente mobilidade privada de capitais, que se intensificou a partir dos dois processos anteriores, e o fim da "idade de ouro" de crescimento dos países industrializados;



- 3º momento (último quarto do século XX) - progressiva generalização do livre comércio; crescente presença das empresas transnacionais no cenário mundial, e que passam a utilizar sistemas de produção integrados; elevada mobilidade dos capitais, homogeneização dos modelos de desenvolvimento; e restrições à circulação da mão-de-obra.

Já Baldwin (2016), também apresenta o processo de globalização distribuído em fases, porém o autor faz uma retrospectiva mais profunda em relação ao desenvolvimento da humanidade, a partir de algumas mudanças estruturais em sua organização que ele denominou como revoluções:

- 1ª fase - a globalização consiste da gradual humanização do planeta;
- 2ª fase - a revolução na agricultura permitiu que as pessoas se estabelecessem em vilas, cidades, e eventualmente civilizações, então a globalização nessa fase significa localizar os determinantes da economia mundial;
- 3ª fase – a revolução do vapor que favoreceu uma sequência secular de desenvolvimentos que tornaram os humanos os mestres das distâncias intercontinentais, e assim reduziu custos e impulsionou o comércio. Entretanto, o autor destaca que a movimentação de mercadorias não reduziu a concentração econômica do mundo, já que até o final do século XX, dois terços da atividade econômica estavam agrupados em poucos países;
- 4ª fase - revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que reduziu o custo de coordenar processos complexos em grandes distâncias, o que fez as grandes empresas começarem a mover etapas de produção intensivas em mão-de-obra, de seus países, que normalmente apresentam custos elevados desse insumo, para países de custos mais baixos.

E, indo em linha com os autores anteriormente citados, Thomas Friedman em seu livro *World is Flat* de 2007, dividiu a globalização em três partes:

- Globalização 1.0 (1492 a 1800) – Sendo a força dinâmica que impulsionou o processo de integração global foi o quanto de potência, aqui representado, em especial pelo vapor, um país tinha e quão bem utilizava esse recurso.

Questões aplicadas ao período: Onde é que o meu país se encaixa na concorrência global e oportunidades? Como posso me tornar global e colaborar com outras pessoas através do meu país?



- Globalização 2.0 (1800 a 2000) – Período que sofreu algumas interrupções pelas Guerras Mundiais e pela Grande Depressão. Sua força dinâmica eram as empresas multinacionais, que foram favorecidas pela queda dos custos dos transportes, de telecomunicações e pela difusão do telégrafo, telefones, PC, satélites, cabo de fibra ótica e início da World Wide Web.

Questões aplicadas ao período: onde minha empresa se encaixa na economia global? Como aproveita as oportunidades? Como posso me tornar global e colaborar com outras pessoas através da minha empresa?

The Lexus and the Olive Tree was primarily about the climax of this era, an era when the walls started falling all around the world, and integration—and the backlash to it—went to a whole new level. But even as the walls fell, there were still a lot of barriers to seamless global integration. Remember, when Bill Clinton was elected president in 1992, virtually no one outside of government and the academy had e-mail, and when I was writing The Lexus and the Olive Tree in 1998, the Internet and e-commerce were just taking off. (Friedman, 2007, p.10).

- Globalização 3.0 (a partir de 2000) – Sua força dinâmica é o poder da colaboração e da competição global. Nessa fase, o mundo torna-se menor, porque as distancias, devido às tecnologias se reduzem drasticamente. E, diferentemente das fases anteriores em que o processo de globalização foi conduzido por indivíduos e empresas dos Estados Unidos e Europa, desta vez, a China começa a se destacar também como uma condutora do processo.

Questões aplicadas ao período: Onde eu um indivíduo se encaixa na competição global e oportunidades do dia, e como posso, por mim mesmo, colaborar com outras pessoas globalmente?

Even though China actually had the biggest economy in the world in the eighteenth century, it was Western countries, companies, and explorers who were doing most of the globalizing and shaping of the system. But going forward, this will be less and less true. Because it is flattening and shrinking the world, Globalization 3.0 is going to be more and more driven not only by individuals but also by a much more diverse—non-Western, nonwhite—group of individuals. Individuals from every corner of the flat world are being empowered. Globalization 3.0 makes it possible for so many more people to plug in and play, and you are going to see every color of the human rainbow take part. (Friedman, 2007, p.11).



Já para Weinsten (2005, p. 2), tem-se que a forma estrutural da globalização mudou drasticamente nos últimos 15 ou 20 anos, pois pelo o que mostra a história, até o final do século XIX a globalização era um brinquedo de uma nação rica, assim sendo, o autor destaca:

Poor countries mostly hid behind high tariff walls and other barriers. But since about 1980, poor countries, led first by China, have opened their borders, dismantling layers of tariff and non-tariff trade barriers. India, Mexico, Thailand, and others followed China's lead. Some countries opened up because of plummeting transportation costs, which made trade feasible. Others, like China and India opened up because of explicit policy.

Ou seja, o processo de abertura de países, que hoje são chamados “*em desenvolvimento*”, para a globalização refletiu diretamente nas questões econômicas internacionais, pois a lógica até então estabelecida de que esses países somente exportavam commodities para os países chamados “*desenvolvidos*” foi até certo ponto derrubada, pois em alguns setores industriais passaram a concorrer diretamente, resultando na necessidade de uma maior integração econômica para a manutenção de um certo equilíbrio.

Para se ter ideia do movimento econômico que se foi criado, Weinsten (2005, pág 2), destaca que o comércio, medido em relação à renda mundial, quase dobrou para 18%, de 10% no início da Primeira Guerra Mundial, e ao mesmo tempo, o fluxo de capital como porcentagem da renda mundial subiu para quase 20%, de menos de 10% durante a parte inicial do século XX, assim como houve a migração de quase 10% da população mundial de um país para outro.

Desse modo, para Mello (1999, pag. 165), a globalização deve ser entendida como um processo que alterou e continua alterando padrões históricos, ocasionando mudanças estruturais, ou seja, não pode ser considerada apenas uma transformação política e social já plenamente realizada. Para o autor, esse processo é um fenômeno ao mesmo tempo amplo e limitado: amplo - abrange transformações políticas, econômicas e culturais; e limitado – o processo não está completo e terminado e não afeta a todos da mesma maneira. Ou seja, o processo de globalização pode ser entendido pela intensa mudança estrutural que afeta a economia internacional, e as transações e conexões organizacionais que ultrapassam a fronteira dos Estados.



1.2 O conceito de globalização

Segundo Nye Jr. & Keohane (2000, p.11), a globalização poderia ser definida como um aumento da densidade do globalismo², pois há um redimensionamento das redes de interdependência em nível multicontinental (entrada de novos agentes) quanto por um aumento da interação entre redes de interdependência distintas (maior número de pontos de intersecção), deste modo, a globalização coloca em contato as mais diversas redes de interdependência que interagem e se sobrepõem.

Já para Palley (2018), a globalização é um sistema de muitas partes móveis. No seu centro está o processo e os arranjos que constituem a globalização econômica. Cada país ou bloco é diretamente impactado, originando implicações econômicas, políticas e geopolíticas, assim como suas decisões e movimentações também impactam o sistema internacional.

Segundo Baumann (1996), o processo de globalização é quase sempre apresentado de forma diretamente associada ao desenvolvimento da comunicação, e das facilidades de transmissão e processamento de informações, não podendo esquecer da mobilidade internacional do capital. Sendo que quase sempre, tudo se resume na órbita financeira e nas medidas de política que afetam a entrada e saída de capitais de uma economia. Porém, de acordo com o autor, o fenômeno da globalização é muito mais abrangente e envolve as seguintes dimensões:

- a) financeira: corresponde ao crescente volume e velocidade dos recursos que transitam pelo mundo e à interação desses fluxos com as economias nacionais;
- b) comercial: crescente semelhança das demandas e das ofertas de bens e serviços em todos os países;
- c) produtiva: convergência das características do processo produtivo;
- d) institucional: semelhança crescente dos sistemas econômicos nacionais e de suas regulações;

² O globalismo corresponde a um “estado do mundo caracterizado por redes de interdependência em distâncias multicontinentais” (Nye Jr. & Keohane, 2000, p. 2). Sendo que as redes de interdependência podem ser definidas como um conjunto de fluxos econômicos, militares, sociais, culturais e ambientais, entre múltiplos agentes do sistema internacional, como Estados Nacionais e agentes não soberanos (Gama, 2002, p. 34).



- e) da política econômica: que implica redução dos atributos de soberania diante do crescente condicionamento externo, já que os efeitos econômicos da globalização são extremamente diversificados e em grande parte incontrolláveis, como: especulação financeira, ganhos em escala, uniformização técnica, nova tecnologia de processos produtivos, oligopólios mundiais, declínio da cooperação bilateral e de blocos, novas coerções sobre o salário, o fisco, o meio ambiente etc.

Conclui-se, portanto, que a globalização o resultado da evolução extremamente rápida da tecnologia e do processo de transformação que o mundo vem passando ao longo da sua história, que envolve acelerada integração econômica, social e política, além da necessidade de crescimento de grandes empresas para além das fronteiras de seus países de origem, e que inicialmente buscavam apenas a redução de seus custos operacionais, entretanto atualmente buscam manter sua sobrevivência por meio de ganhos de mercado utilizando-se de modernas tecnologias.

2. Avanços tecnológicos e a globalização

Como já explorado pela seção 1, para diversos autores, o processo de globalização apresenta em sua raiz a revolução tecnológica pela qual passou a sociedade, as quais reduziram os custos dos transportes, de informação e de comunicação. Por esse motivo, esta seção buscará de uma maneira breve, apresentar em dois tópicos, o processo de evolução das tecnologias pelo qual o mundo está passando e a chamada “*globalização digital*” e suas consequências para a globalização.

Para tanto, essa seção também será dividida em duas partes que buscarão apresentar de forma breve o processo de evolução das tecnologias e a sua influência no processo de globalização.

2.1 O processo de evolução das tecnologias

Rennstich (2008) argumenta que o sistema mundial global é o resultado de um processo evolutivo (e não revolucionário) que pode ser rastreado historicamente e que o papel da tecnologia no estágio atual está principalmente facilitando o alcance geográfico de empresas e indivíduos, e que resultou na criação de um mundo digital.



Para o autor, o atual sistema global começou com a rede marítima comercial, que nada mais era do que uma rede de produção externa baseada em serviços, que dependia da rede de transporte naval para movimentar vários produtos em toda a rede. Os barcos e/ou navios eram de propriedade privada, portanto, as cadeias de produção exigiam a contratação desses serviços. Esta rede particular existiu até quando o sistema de produção industrial ganhou destaque. O líder do sistema, a Grã-Bretanha, internalizou sua cadeia de produção para criar uma rede de produção mais tradicionalmente segura. Esse sistema interno, embora seguro, era menos eficiente e, portanto, menos produtivo do que o sistema externo anterior.

Dessa forma, o autor considera que o sistema global atual pode ser considerado um retorno ao modelo de produção externo marítimo. Todavia, ao invés de depender de embarcações privadas e rotas comerciais, no entanto, o sistema de rede atual depende de tecnologias digitais ou o que o autor chama de “economia iNet”. O que mostra que a tecnologia é o principal fator de mudança global no sistema atual.

As alterações na estrutura da produção e no comércio aumentaram a importância das grandes empresas transnacionais, pois elas são o resultado do surgimento de sistemas integrados de produção e são diretamente responsáveis pelo aumento dos fluxos de comércio e dos investimentos estrangeiros diretos (IED). O que só foi possível por causa da liberação do comércio, favorecido pelos progressos nos transportes, e de um maior dinamismo dos fluxos financeiros e dos investimentos realizados em países em desenvolvimento, que se aceleraram nas duas últimas décadas devido aos avanços tecnológicos nas trocas de informação e na comunicação.

De acordo com a CEPAL (2002, p.19):

A internacionalização da produção das empresas remonta ao final do século XIX, como subproduto dos processos de concentração econômica nos países industrializados, de onde provêm até hoje as grandes empresas transnacionais. Este constituiu o primeiro passo para o desenvolvimento de sistemas de produção integrados, que permitem segmentar o processo produtivo em suas diversas etapas (“desmembramento da corrente de valor”) e especializar fábricas ou empresas subcontratadas localizadas em vários países na produção de componentes, fases do processo produtivo e montagem de modelos particulares.

Segundo Kheoane, que considera que a revolução da informação, que não pode ser limitada apenas à sua velocidade de propagação, é o coração da globalização



econômica e social, tem-se feito o possível para se organizar transnacionalmente as questões de trabalho e da expansão de mercados, o que facilita, a nova divisão internacional do trabalho, que era limitada pela extensão do mercado.

The biggest change in velocity came with the steamship and especially the telegraph: The transatlantic cable of 1866 reduced the time of transmission of information between London and New York by over a week-hence, by a factor of about a thousand. The telephone, by contrast, increased the velocity of such messages by a few minutes (since telephone messages do not require decoding), and the Internet, as compared with the telephone, by not much at all. The real difference lies in the reduced cost of communicating, not in the velocity of any individual communication (...).

Todas essas mudanças, portanto, resultam em uma reação muito mais rápida dos mercados, pois a informação difunde-se de forma muito dinâmica e o movimento de capitais também podem ocorrer a qualquer momento, entre a grande maioria dos países sem qualquer tipo de barreiras.

As empresas multinacionais, portanto, à medida que o capitalismo global se tornou mais competitivo e mais sujeito a rápidas transformações, alteraram suas estruturas organizacionais, integrando a produção, de forma a ficarem mais de perto em uma base transnacional e passaram a construir mais redes e alianças.

De acordo com documento publicado em 2016 pela consultoria Mckinsey, a forma atual de globalização mais digital está mudando:

- quem participa do processo;
- como os negócios são feitos através das fronteiras;
- a rapidez com que a concorrência se move; e
- para onde os benefícios econômicos estão fluindo.

Já o FMI no capítulo 4 do *World Economic Outlook* de abril de 2018, destaca que o avanço tecnológico também é um dos principais determinantes da melhoria de renda e do padrão de vida. Contudo, novos conhecimentos e tecnologias não se desenvolvem necessariamente em todos os lugares e ao mesmo tempo. Portanto, a forma como a tecnologia se espalha entre os países é crucial para a maneira como o crescimento mundial é gerado e compartilhado entre os países.



O documento da consultoria Mckinsey (2016) descobriu que os maiores benefícios dos fluxos de comércio vão para os países no centro da rede global. Curiosamente, este relatório conclui que os países na periferia da rede de fluxos de dados podem ganhar ainda mais do que aqueles no centro. A convergência da globalização e da digitalização significa que os líderes de negócios e os formuladores de políticas precisarão reavaliar suas estratégias - e, dado que estamos apenas nos estágios iniciais desse fenômeno, enormes oportunidades ainda estão em jogo.

O relatório do FMI ainda aponta que, entre 1995 e 2014, Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Reino Unido produziram três quartos de todas as inovações patenteadas no mundo. Outros grandes países — especialmente a China e a Coreia — começaram a fazer contribuições significativas para o acervo mundial de conhecimento nos últimos anos, juntando-se aos cinco líderes em vários setores. Porém, mesmo que esses números estejam apontando que esses dois países também serão fontes importantes de novas tecnologias, a maior parte da fronteira tecnológica foi dominada pelas principais economias do mundo.

Todavia, embora as economias avançadas em geral continuem sendo as líderes na maioria dos fluxos, há um enorme movimento de abertura desses fluxos para diversos países em desenvolvimento, para pequenas empresas e startups e para bilhões de indivíduos.

2.2 A influência da tecnologia na globalização

Para Cardoso (1996, p. 10), A verdadeira revolução do século XX foi o casamento da ciência, tecnologia com a liberdade; e da universidade, empresa com a autoridade pública, o qual só foi possível por causa das grandes revoluções tecnológicas que para o autor vai desde a criação da energia nuclear e do raio laser até a biotecnologia, computadores, microeletrônica e robótica e que saíram do ambiente limítrofe das empresas para fazer parte do cotidiano e organização das sociedades como um todo.

A revolução contemporânea alcança além da cadeia de produção, e extingue o “fordismo” e o “taylorismo”; revoluciona a organização da fábrica e da gerência; atinge o setor público, as escolas, igrejas, sindicatos e, por fim, o todo - não somente através de novos métodos de gerenciamento que passa a permitir, mas também através da criação de grandes redes de comunicação de massa; não somente através dos



meios de comunicação eletrônicos convencionais (rádio e televisão), mas também através das redes de computadores, máquinas de fac-símile, modems, e tudo o mais.

A revolução da Tecnologia da Informação (TI) impulsionou o declínio extraordinariamente rápido no custo e o rápido aumento no poder de processamento das tecnologias digitais. O dispositivo digital cujo avanço tecnológico talvez tenha sido mais crucial para a revolução da TI é o microprocessador, que serve como "cérebro" de computadores pessoais e que estão embutidos em um número cada vez maior de produtos, de videogames, carros, refrigeradores.

Avanços rápidos em tecnologias de fibra ótica também foram críticos para a revolução da TI. A tecnologia de fibra ótica permite que dados, incluindo vozes capturadas em formato digital e sejam transmitidos em altas velocidades através de fibras de vidro envolvidas em cabos de telecomunicação de grande capacidade. Centenas de milhares de quilômetros desses cabos foram instalados nos últimos dez anos, aumentando a velocidade e a capacidade das redes de telecomunicações.

De acordo com o relatado por Friedman (2016, p. 6), para o indiano Nandan Nilekani, houve um grande investimento em tecnologia, e milhões de dólares foram investidos no aumento da conectividade, por meio da banda larga, ao redor do mundo, e isso ao mesmo tempo em que os computadores se popularizaram e softwares e ferramentas como o Google possibilitaram que trabalhos fossem divididos e realizados em diferentes países.

When all of these things suddenly came together around 2000, added Nilekani, they "created a platform where intellectual work, intellectual capital, could be delivered from anywhere. It could be disaggregated, delivered, distributed, produced, and put back together again—and this gave a whole new degree of freedom to the way we do work, especially work of an intellectual nature (...).

O estudo do site *Globalization101*³ de 2014, mostra que o processo de transformação do setor de tecnologia no mercado norte-americano resultou na necessidade de desenvolvedores de software, gerentes de sistemas de informação e computação e analistas de sistemas de computação. Deste modo, novos empregos como

³ www.globalization101.org



estes são commodities no mundo globalizado da tecnologia, especialmente para empresas que recrutam indivíduos de países tecnologicamente avançados. Ou seja, há um mercado crescente de empregos de tecnologia que continuará a aumentar à medida que as tecnologias se tornarem ainda mais integradas à sociedade.

O resultado é que mais e mais empregos estarão disponíveis para indivíduos que obtiveram diplomas em campos orientados para a tecnologia. De acordo com Catherine Mann (2003), citada pelo estudo da 101 (2014, p. 3):

“Projeções frequentemente citadas indicam que milhões de empregos serão perdidos para os trabalhadores offshore. O que essas projeções ignoram é que a globalização do software e dos serviços de TI, em conjunto com a difusão de TI para novos setores e empresas, produzirá uma demanda de trabalho ainda mais forte nos Estados Unidos para profissionais com proficiência em TI”.

Sendo assim, um fator, primordial, que contribui para o crescente setor de tecnologia é o capital humano, pois a maioria das empresas de tecnologia em todo o mundo tem buscado nivelar a sua produção à novas tecnologias, de forma a buscar melhorias para seus produtos.

O capital humano, é, portanto, a força de trabalho que impulsiona esses avanços e muitas vezes o motivo pelo qual uma empresa é bem-sucedida, enquanto outras não. As empresas de tecnologia buscam trabalhadores qualificados com conhecimento de tecnologia e habilidades para resolver problemas, o que lhes dá uma vantagem sobre a concorrência. Empresas de tecnologia nos EUA, por exemplo, estão pressionando o governo norte-americano por melhores políticas de imigração para que possam contratar os melhores e mais brilhantes trabalhadores da área de tecnologia de todo o mundo.

Segundo Troyjo (2016, p. 30), a educação baseia-se em 3 palavras-chave: pertinência - todo o conhecimento é válido, mas às necessidades de um país ou empresas ditam o que é mais importante; atualidade - da velocidade com que novos conhecimentos emergem fazem outros tornarem-se obsoletos; e aplicabilidade - o conhecimento teórico tem de visar a uma intervenção na realidade.

Surgem, portanto, 4 novos paradigmas:

- 1) Educação como instrumento para atender às mudanças do mundo do trabalho, e requer especializações, o que favorece indivíduos mais técnicos e que se



- adaptam mais facilmente, prejudicando quem apresenta muito experiência, mas não tem tanta facilidade de adaptação ao mundo tecnológico;
- 2) Educação como ferramenta “Reinvenção Serial”, não existirá mais rotulações como “engenheiro”, “administrador”; “psicólogo”, saber constantemente se reinventar será uma prerrogativa;
 - 3) Educação como base do empreendedorismo, seja na forma de criação ou de evolução de áreas já existentes e consolidados; e
 - 4) Educação como forma de liberdade para fazer escolhas.

De acordo com Khana (2016), a conectividade substituiu a divisão do trabalho como o novo paradigma da organização global. A sociedade humana está passando por uma transformação fundamental pela qual a infraestrutura funcional nos diz mais sobre como o mundo funciona do que as fronteiras políticas. Para o autor, o verdadeiro mapa do mundo deveria apresentar não apenas estados, mas megacidades, rodovias, ferrovias, dutos, cabos de Internet e outros símbolos de nossa civilização emergente da rede global.

Ainda segundo Khana (2016), a competição geopolítica está evoluindo da guerra sobre o território para a guerra pela conectividade, ou seja, para a competição pelas cadeias de suprimento globais, que são eles: os mercados de energia, a produção industrial e os fluxos valiosos de finanças, tecnologia, conhecimento e talento. Embora a guerra militar seja uma ameaça constante, essa nova queda de braço que se apresenta é uma realidade perpétua - a ser vencida pelo planejamento econômico e não pela doutrina militar. Outra maneira pela qual essa conectividade competitiva ocorre é por meio de alianças de infraestrutura, ou seja, conectando-se fisicamente através das fronteiras e dos oceanos por meio de parcerias estreitas da cadeia de fornecimento.

A incansável busca da China por essa estratégia elevou a infraestrutura ao status de um bem global, a par da provisão de segurança dos Estados Unidos. A geopolítica em um mundo conectado joga menos na tábua de riscos da conquista territorial e mais na matriz de infraestrutura física e digital. A conectividade é um dos principais impulsionadores da mudança profunda em direção a um sistema global mais complexo. As economias são mais integradas, as populações são mais móveis, o domínio cibernético está se fundindo com a realidade física e a mudança climática está forçando ajustes sísmicos em nosso modo de vida (KHANA, 2016, posição 314 do ebook).



No entanto, em um relatório de 2016, a consultoria Mackinsey aponta que mesmo estando as redes de conexões econômicas globais tornando-se mais profundas, amplas e intrincadas, grande parte da discussão pública em torno da globalização ainda está vinculada no estreito tema dos superávits e déficits comerciais. O que é um problema, pois esse olhar não leva em conta a nova e mais complexa realidade das economias globais digitalmente conectadas.

Ainda segundo a Mackinsey, enquanto o comércio global de bens e os fluxos financeiros se achataram desde a Grande Recessão, os fluxos de dados transfronteiriços estão aumentando, e unem a economia mundial tão fortemente quanto os fluxos de produtos manufaturados tradicionais.

Portanto, os países não podem darem-se ao luxo de se isolarem dos fluxos globais, pois a manutenção apenas de estratégias de comercialização de bens os fazem perder os verdadeiros ganhos que a globalização pode apresentar e que estão intrinsecamente vinculados ao fluxo de ideias, de talentos e de insumos que estimulam a inovação e a produtividade.

A globalização a partir da revolução tecnológica, em especial a digitalização do mundo, torna as escolhas políticas ainda mais complexas. As cadeias de valor estão mudando, novos centros estão surgindo e a atividade econômica está sendo transformada. Essa transição cria novas aberturas para os países conseguirem papéis lucrativos na economia global. Essas oportunidades favorecerão locais que construam a infraestrutura, as instituições e os ambientes de negócios de que suas empresas e cidadãos precisam para participar plenamente do processo que está a todo vapor no mundo e já é um caminho sem volta.

3. A Nova Globalização

Segundo a revista Exame de 04 de fevereiro de 2018; a globalização só fez bem ao mundo. E, a publicação faz essa declaração a partir de dados da redução da extrema e do crescimento econômico mundial. Segundo a reportagem, a extrema pobreza mundial, reduziu de 1,9 bilhão de pessoas em 1990 para 700 milhões de pessoas em 2015, mesmo com um crescimento de 40% da população mundial. E, a economia global em menos de



40 anos, passou de 11 trilhões de dólares para 76 trilhões de dólares em 2016. E, para o autor da reportagem, esses avanços só foram possíveis por causa do avanço do comércio internacional e dos aumentos dos investimentos estrangeiros diretos pelo mundo, ou seja, é um reflexo da globalização.

No entanto, mesmo com a apresentação de dados positivos, atualmente, as discussões em torno do processo de globalização cresceram, devido, em especial, à alguns discursos protecionistas, juntamente, com atitudes que afetam diretamente o comércio internacional.

Para Troyjo (2016 p. 5), o início da discussão entre alguns autores sobre um possível “risco de desglobalização”a, surgiu com a crise financeira que se iniciou em 2008, com a quebra do banco Lehmann Brothers, pois o cenário que passou a vigorar foi do “*Ocidente em xeque, EUA em crise existencial, a emergência da hipercompetitividade da China e um renascimento do Estado-Nação como ator dominante da cena global, que passa a ser agora marcada por uma lógica do “cada-um-por-si”*”, pois os países e empresas passaram a focar em estratégias mais protecionistas e individualizadas.

Para Troyjo (2016 p. 12), a globalização é um conceito mais amplo do que apenas um conjunto de sucessivos avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações, pois relaciona-se diretamente com: crescimento do comércio e dos investimentos estrangeiros diretos (IED); melhoria da coordenação macroeconômica nos países; e a livre circulação de bens, capitais e de mão-de-obra.

Segundo o autor, todos esses pontos estão sendo rediscutidos, pois a crise financeira que se iniciou em 2008, a quebra do banco Lehman Brothers, afetou sobretudo a globalização dos valores dos anos 90, ou seja, a ideia de que “*democracia representativa e economia de mercado eram os melhores parâmetros para a organização da sociedade*”.

De acordo com Troyjo (2016), em 1992, o cenário global era assim determinado:

1. Extinção da União Soviética, ou seja, a democracia e livre mercado passam a ser considerados padrões para as sociedades;
2. Com o fim da Guerra Fria, os EUA são a nova "hiperpotência" mundial;
3. Ásia ascendendo como potência, liderada pelo Japão;
4. O mundo buscava orientar-se em torno, ou na construção, de blocos econômicos regionais, sendo a União Europeia o principal exemplo.



Entretanto, em 2012, o novo cenário global modificou-se para:

1. Conflitos e tensões "multifacetadas" (terrorismo, crítica ao modelo Ocidental de sociedade, organização econômica e à ordem liberal, além do surgimento do *ciber-vandalismo*);
2. A grande recessão de 2008 que se iniciou nos EUA, país que por causa da guerra contra o terrorismo também apresentou, no período, custosas incursões no Iraque e Afeganistão;
3. Ásia ascendendo novamente como potência, mas agora liderada pela China;
4. Enfraquecimento, até certo ponto, dos processos de integração regional, o que faz ressurgir o discurso do Estado-nação como protagonista, assim como o desenvolvimento de políticas protecionistas.

Portanto, em um período de aproximadamente 20 anos, o mundo passou de um processo de intensificação da globalização para um período em que o "risco de desglobalização" tornou-se algo real. Hoje, para Troyjo (2016, p. 6), "*com a retração de forças sinérgicas e cooperativas, a "pós globalização" distingue-se pela ausência de uma "bússola de valores" de como o mundo deve se reorganizar"*.

Porém, como discutido nas seções anteriores, o mundo está cada dia mais conectado, o que criou uma interdependência tecnológica muito forte entre os países que não apresenta perspectivas de retrocesso. Por mais que algumas nações estejam trabalhando em prol de uma agenda mais protecionista e menos cooperativa, a conectividade que já está intrínseca aos processos de produção e, em especial, de comercialização de bens, tende somente a se expandir e dificultar ainda mais o controle das fases dos processos pelos governos.

Portanto, de acordo com Otaviano Canuto, Vice-Presidente do Banco Mundial⁴, a Nova Globalização é o reflexo acima de tudo de mudanças tecnológicas, que estão revertendo parcialmente a fragmentação de processos produtivos que permitiu a relocalização de etapas intensivas em mão-de-obra não qualificada na periferia, nos mercados em desenvolvimento e que vem sendo reduzido agora, por conta da natureza das novas tecnologias. É também uma reversão da postura das políticas de abertura

⁴ Palestra proferida em encontro realizado pela Associação República do Amanhã para discutir a Nova Globalização, em 27 de setembro de 2019, no IBMEC, São Paulo.



comercial que marcaram o período anterior da globalização, não seria uma reversão completa, mas em grande medida.

De acordo com a reportagem da revista exame de 2018, atualmente, dentro das discussões sobre o futuro da globalização, há uma interessante que é sobre um possível aumento do desemprego por causa da utilização de tecnologias. Contudo o que a matéria apresenta é que, em vez de acabar com os empregos qualificados, a globalização tem valorizado profissionais capacitados. E, que de 1995 a 2010, a demanda por profissionais das ocupações chamadas "abstratas", altamente especializados, cresceu, em média, 20% nos países da União Europeia, segundo dados da OCDE. Para quem cumpre tarefas repetitivas, o efeito foi inverso: houve queda de 20% nos empregos.

Segundo, Baldiwn (2016, p. 6), a globalização foi transformada por esse offshore norte-sul, já que o *know-how* avançado acompanhou os estágios de produção *offshoring*. São esses novos fluxos de conhecimento que colocam o "Novo" na Nova Globalização, e que permitem que um pequeno número de países em desenvolvimento se industrializarem com uma rapidez e inteiramente alinhados com a experiência histórica, e isso, por sua vez, reformula a economia mundial, sendo suas consequências as seguintes:

- As nações do G7 (grupo dos países economicamente mais poderosos do mundo, formado por Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália Japão e Reino Unido) se desindustrializaram enquanto diversas de nações em desenvolvimento aumentaram seus parques industriais;
- Efeitos surpreendentemente concentrados geograficamente;
- As nações em rápida industrialização experimentam altas taxas de crescimento;
- O rápido crescimento da renda nos países de rápida industrialização provocou um boom nas exportações e nos preços das *commodities* o que ficou conhecido como: "*commodity supercicly*";
- A combinação de crescimento rápido nos países em desenvolvimento e crescimento estagnado nos países do G7 produziu o que o autor chama de a Grande Convergência; e a participação dos países ricos no PIB mundial está de volta ao ponto de partida no início da Primeira Guerra Mundial;



- A natureza do comércio entre o G7 e muitas nações em desenvolvimento mudou drasticamente;
- Quase todas as nações em desenvolvimento liberalizaram massivamente suas políticas de comércio, investimento, capital, serviços e propriedade

Consequentemente, os atuais desafios dos Estados são transfronteiriços por natureza, e exigem uma ação colaborativa para se encontrar as melhores soluções, a qual implica na efetivação de alianças dos Estados com organizações internacionais (OIs), empresas multinacionais, organizações não governamentais (ONGs) e, com os próprios indivíduos.

A crise financeira mundial que iniciou em 2008, por exemplo, exigiu a colaboração de quase a totalidade da economia do planeta, que se reuniam em encontros do G20⁵. Essas reuniões eram realizadas para se tentar combater a crise que se instalou por causa de falhas no capitalismo financeiro. O que culminou com a criação, em 2009, de um organismo supranacional de regulação e regulamentação dos mercados financeiros mundiais, o Conselho de Estabilidade Financeira (FSB, na sigla em inglês).

Para Octávio de Barros (2018)⁶, a Nova Globalização é o fenômeno da plataformação generalizada de todas as atividades econômicas e também de gestão pública. Ao mesmo tempo que a revolução digital e cognitiva vem provocando mudanças muito significativas naquilo que foi hábito durante décadas a chamar de *core business*, dos negócios em geral, hoje, essas mudanças vêm indicando o surgimento de outras atividades paralelas ao *core business*. Então, há várias empresas investindo em outras atividades, havendo uma transversalização total das atividades, e a noção de *core business* vem perdendo relevância cada vez mais.

O tema da plataformação das atividades econômicas, segundo Friedman (2007), é de fundamental importância para se entender o que pode significar essa Nova Globalização, pois para o autor a plataformação pode ser considerada um ponto de inflexão na história.

⁵ G20 – Grupo dos 20 – Criado em 1999 é formado pelos ministros das finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia.

⁶ Idem à nota de rodapé nº 4;



Para Friedman (2007), a queda do muro de Berlim, o surgimento do Windows e a ascensão do PC foram essenciais para capacitar, conjuntamente, milhares de pessoas ao redor do mundo para construir seus próprios conteúdos em formatos digitais. O que foi potencializado, ainda segundo o autor, com a disseminação da internet. E, com o surgimento de transmissores mais modernos que conectavam computadores em todo o mundo a softwares de todos os tipos, houve a facilitação da criação de processos padronizados. “De repente, havia uma plataforma disponível para colaboração e que todos os tipos de pessoas de todo o mundo poderiam agora se conectar, competir - para compartilhar o trabalho, trocar conhecimento, iniciar empresas e inventar e vender bens e serviços” (Friedman, 2016, p. 92). E, o autor afirma:

It is always dangerous to declare a turning point in history. We Always tend to feel that when we are alive something really major is happening. But I am convinced that the genesis of this new flat-world platform and the six new forms of collaboration it has spawned will be remembered in time as one of the most important turning points in the history of mankind—one no less significant than the invention of the printing press or electricity. Someone had to be alive when it happened—and it happens to be you and me. (Friedman, 2016, p.93).

Em seu relatório de 2016, a consultoria Mackinsey afirma que os fluxos de rápido crescimento do comércio internacional e das finanças que caracterizaram o século XX diminuíram desde 2008. No entanto, a globalização não está se revertendo. Em vez disso, os fluxos digitais estão subindo - transmitindo informações, ideias e inovação em todo o mundo e ampliando a participação na economia global. Assim como a plataformização está atingindo desde pequenas até grandes empresas em escala global, portanto:

- O mundo está mais interconectado do que nunca. Pela primeira vez na história, as economias emergentes são contrapartes em mais da metade dos fluxos de comércio global, e o comércio Sul-Sul é o tipo de conexão que mais cresce.
- Enquanto os fluxos de bens e capitais perderam força, a força da internet transfronteiriça cresceu 45 vezes desde 2005.

A consultoria projeta que haverá um crescimento de mais de nove vezes nos próximos cinco anos, devido aos fluxos digitais de comércio e de informação, buscas, vídeo, comunicação e tráfego intra-companhias que continuam a aumentar;

- As plataformas digitais mudam a forma de fazer negócios além das fronteiras, reduzindo o custo de interações e transações internacionais, e criam mercados e



comunidades de usuários com escala global. O que oferece às empresas uma base enorme de clientes em potencial, assim como formas eficazes de alcançá-los;

- Pequenas empresas em todo o mundo estão se tornando “micro-multinacionais” usando plataformas digitais como eBay, Amazon, Facebook e Alibaba para se conectar com clientes e fornecedores em outros países.
- Indivíduos estão participando diretamente da globalização, usando plataformas digitais para aprender, encontrar trabalho, mostrar seu talento e construir redes pessoais.
- Em uma década, os fluxos globais elevaram o PIB mundial em pelo menos 10%; esse valor totalizou US\$ 7,8 trilhões somente em 2014.

Os fluxos de dados agora, de acordo com a consultoria, representam uma parcela maior desse impacto do que o comércio global de mercadorias. Os fluxos globais geram crescimento econômico principalmente por meio do aumento da produtividade, e os países se beneficiam tanto de entradas quanto de saídas.

No entanto, embora mais nações estejam participando, os fluxos globais permanecem concentrados em um pequeno grupo de países líderes. As lacunas entre os líderes e o resto do mundo estão se fechando muito lentamente, mas o crescimento acelerado representa uma grande oportunidade para os países atrasados. Algumas economias poderiam crescer 50% ou mais no longo prazo, acelerando a participação no mundo digital.

Ou seja, a Nova Globalização, é nada mais do que um novo processo de Globalização pelo qual os países estão passando, altamente relacionado à revolução tecnológica que está apenas começando, e que intensifica ainda mais o relacionamento entre os países, já que seus cidadãos nunca estiveram tão conectados globalmente como agora e suas empresas nunca tiveram tantos clientes e fornecedores globalmente conectados. O crescimento da economia mundial está diretamente relacionado às melhorias dos processos tecnológicos, especialmente, no que diz respeito à digitalização ou a plataformização das atividades produtivas.



Conclusão

A partir dessa breve apresentação dos termos globalização, revolução tecnológica (conectividade) e nova globalização, percebe-se que este é um tema muito recente e que ainda requer muitas análises para que se chegue a uma conclusão definitiva de o que seria essa Nova Globalização e como este novo arranjo global afetará a política internacional contemporânea e como os países deverão se preparar para enfrentar os novos desafios políticos, econômicos e sociais que surgirão.

Algumas novas discussões sobre o possível fim da globalização surgiram devido a mudanças nos rumos e ideais políticos em alguns países, que defendem um maior protecionismo em seus mercados, assim como um aumento da fiscalização para a entrada de imigrantes em seus países, ou seja, há um movimento na contramão da globalização e por isso chegou-se a discutir a “desglobalização” no mundo.

Entretanto, como apresentado nesse artigo, o que se observa no mundo é que os avanços tecnológicos estão aproximando cada vez mais países e cidadãos, seja por meio de cadeias de produção distribuídas em vários países ou pela conexão que a internet proporciona entre as pessoas. E, esse é um caminho sem volta, porque as economias se tornaram dependentes de outros países, e um fechamento de “fronteiras” poderia prejudicar uma nação de maneira não mensurável. Os especialistas sabem disso e por isso mudaram o termo “desglobalização” para “Nova Globalização”.

O advento da internet que conecta pessoas em todo o mundo, favoreceu o surgimento de novas relações de trabalho, e por isso até mesmo as formas de produção foram alteradas. Por exemplo, uma empresa não necessita mais ter milhões de empregados espalhados pelo mundo, pois podem comandar computadores e robôs de qualquer lugar, um jornalista não necessita morar na cidade onde fica a matriz de seu jornal e um médico pode ver e analisar exames de pacientes de qualquer lugar no planeta emitindo diagnósticos.

Uma das críticas feitas por alguns defensores de um maior protecionismo no mundo é de que todo o aparato tecnológico, especialmente a utilização de robôs, irá ocasionar muito desemprego no mundo, porém não é o que tem acontecido, pois várias oportunidades estão surgindo, mas de modo diferente e exigem uma maior preparação da população para atender as demandas desse novo mercado.



Deste modo, o que os diversos autores apresentados nesse artigo sugerem é que se observe os movimentos que estão ocorrendo, como o rápido crescimento das economias asiáticas, na maioria das vezes de maneira altamente tecnológica, que trazem ao ocidente novas culturas e novas formas de produção, e o avanço da conectividade e da plataformização das economias.

O que se apresenta hoje é um mundo muito mais interconectado, com diversas empresas transnacionais que fizeram do mundo seu mercado consumidor e cidadãos que se acostumaram com a facilidade de mobilidade e de comunicação.

A Nova Globalização, portanto, ainda precisará de mais algum tempo ser definida de maneira mais específicas, pois esse novo processo inclui um mundo com governantes que buscam um protecionismo, entretanto em um mundo ultra-globalizado. Pode até ser que em um futuro próximo esse processo seja rebatizado, todavia o que fica claro é que a revolução tecnológica já é algo inerente às economias e que não é mais possível para um país viver isolado em um mundo altamente conectado.

Bibliografia

BALDWIN, Richard (2016) **The Great Convergence_ Information Technology and the New Globalization**. Belknap Press.

BAKER MCKENZIE REPORT (January 2018). **Globalization 3.0**. How to survive and thrive in a new era of trade, tax and political uncertainty.

BARROS, Octávio (2018). **A NOVA GLOBALIZAÇÃO: combate entre passado e futuro**. A revolução tecnológica abalando todos os modelos de negócios, as cadeias globais de valor e o mundo do trabalho. Encontros Democráticos: Ciclo de Debates.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos (2007). **Globalização e Estado-Nação**. Escola de Economia de São Paulo - FGV - Texto para Discussão nº 160.

CANUTO, Otaviano; BARROS, Octávio; TROYJO, Marcos. **A Nova Globalização**. Palestra organizada e realizada pela Associação República do Amanhã, em 27 de setembro de 2018, no IBMEC, São Paulo.

CAUTI, C. **Em defesa da globalização**. Revista Exame. Publicado em 04 de fevereiro de 2018.

COSTA, Antonio Luiz M.C. **O nacionalismo de direita e a era da desglobalização** — CartaCapital, publicado em 21/10/2016



DUGNANI, Patricio. **Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós Modernidade** (Globalization and deglobalization: another dilemma of Post-Modernity). Revista Famecos, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-14, maio, junho, julho e agosto de 2018.

FMI. World Economic Outlook, April 2018; **Chapter 4: Is Productivity Growth Shared in a Globalized Economy?**

FRIEDMAN, T. **The World is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century**. New York: Picador Reading Group, 2007, 2º edition.

KHANNA, Parag. **Connectography. Mapping the Future of Global Civilization**. New York, Random House, 2016.

MCKINSEY Global Institute (MGI). **Digital Globalization: The New Era of global Flows**, 2016.

NYE Jr., Joseph S.; KEOHANE, Robert O. Introduction. In NYE JR, Joseph S.; DONAHUE, John D. (Ed.). **Governance in a globalizing world**. Washington: Brookings Institution Press, 2000.

NYE Jr., Joseph S.; KEOHANE, Robert O. **Globalization What's New_ What's Not_** Foreign Policy, No. 118 (Spring, 2000), pp. 104-119

OCAMPO, José A. (Ed). **Globalização e Desenvolvimento**. CEPAL (2002).

TROYJO, Marcos (2016). **Desglobalização - Crônicas de um Mundo em Mudança**

WEINSTEIN, Michael M. (2005). **Globalization : what's new**. Columbia University Press

PALLEY, Thomas I. (2018) **Globalization Checkmated? Political and Geopolitical Contradictions. Coming Home to Roost**. Political Economy Research Institute WORKINGPAPER SERIES Number 466

RENNSTICH, Joachim K. (2008) **The Making of a Digital World_ The Evolution of Technological Change and How It Shaped Our World**. Evolutionary Processes in World Politics Series. PALGRAVE MACMILLAN

Technology and Globalization. (2013) In: <http://www.globalization101.org>, acessado em fevereiro de 2019.